RAMOS, Graciliano. *Garranchos*. Organização de Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2013.

Milene Suzano de Almeida¹

Despretensioso traçado literário - ideológico

Garranchos é o nome da seção escrita por Graciliano Ramos no jornal O Índio, da pequena cidade de Palmeira dos Índios, entre janeiro e maio de 1921. Segundo o organizador da obra, Thiago Mio Salla, nestes textos, o narrador em início de carreira² "privilegiava um discurso mais direto e participativo, assumindo, muitas vezes, a condição de defensor da população da cidade interiorana representada pelo jornal" (p.11). Transitando entre o político e o literário, os textos reunidos na cuidadosa edição de Salla traçam, para o especialista ou para o aficcionado pela obra do escritor alagoano, o perfil deste intelectual público das letras brasileiras.

Ainda que alguns aficcionados busquem a obra pela curiosidade, trata-se, sem dúvida, de um livro para especialistas. Não somente pela riqueza de notas, referências bibliográficas e inúmeras informações históricas adicionais, como pela dupla preocupação de Salla, expressa no prefácio da edição: situar o lugar destes textos inéditos no quadro mais amplo da obra de Graciliano Ramos e traçar um quadro temporal e intelectual da trajetória do escritor por meio da coletânea. A figura do intelectual público Graciliano Ramos é, assim, o fio condutor dos textos selecionados por

¹ **Milene Suzano de Almeida** (USP - Mestre em Teoria e História Literária pela Unicamp e Doutora pela USP, departamento de Letras Modernas, Francês, é especialista em Literatura Comparada e participa de grupo de estudos em Crônicas.)

² Graciliano Ramos inicia seu primeiro romance, Caetés, em 1925, publicado somente 1933.

236 Milene S. de Almeida

Salla, subdivididos cronologicamente em: anos 1910, anos 1920, anos 1930 ainda em Maceió, depois da saída do cárcere e, depois da entrada no PCB.

Para o especialista, é inegável a relevância da publicação dos 81 textos inéditos do criador de Vidas Secas. Crônicas, epigramas, artigos de crítica literária, discursos políticos, cartas publicadas na imprensa, o primeiro ato de uma peça teatral e um conto juvenil – todos estes gêneros fazem parte da seleção de Garranchos. Um único critério a perpassa: a publicização anterior pelo autor. Isso não resolve o dilema que o próprio organizador enuncia em nota no prefácio. O explícito desejo do escritor alagoano de não publicação dos textos que não estivessem assinados de sua própria alcunha. Entre o desejo autoral e a busca ávida do leitor especializado por todas as fontes possíveis de seu objeto, opta-se, portanto, pela segunda alternativa. E o precedente, como explica Salla, já se configurara em 1962, com a publicação de *Linhas tortas*, que trouxe a público textos de Graciliano Ramos sob o pseudônimo de "J. Calisto". Em defesa do organizador, a dualidade entre desejo autoral e busca de originais dificilmente será resolvida de forma satisfatória. Afinal, são muitos os interesses aí envolvidos. Concentremo-nos, então, em traçar algumas peculiaridades desta coletânea.

Frases marcantes

Em "Judas", crônica publicada em março de 1921 no jornal de Palmeira dos Índios, Graciliano Ramos parte de um acontecimento local: a malhação de Judas Iscariotes, ritual da tradição católica durante a Páscoa, já muito esvaziada nos dias de hoje. A primeira reação do cronista é questionar a tradição e a crença popular acerca de tão distantes acontecimentos:

"É uma vingança tardia e inócua que a ralé toma periodicamente contra um cidadão que há tempos se chamou Iehouda de Kerioth, vulgarmente conhecido por Judas Iscariotes, homem de maus bofes, segundo a tradição, apóstolo diletante, provavelmente traidor. Provavelmente, digo eu, mas não exijo que ninguém dê crédito ao que aqui fica, pois seria difícil apurar o grau de verdade que existe nessa trapalhada de coisas antigas." (p.91)

A dúvida do cronista coloca em suspeição a tradição e o julgamento da figura de Judas Iscariotes ao mesmo tempo em que busca atualizar e contextualizar a questão. Nesta atualização, o que se vê é um narrador que se utiliza do passado para tratar de questões do presente. Seguindo a opinião corrente da patifaria de Judas, o cronista opõe a situação original, quando o apóstolo

era exceção entre os fiéis, aos dias de hoje, quando a proporção entre os espíritos fiéis e os safados seria pelo menos de cinquenta por cento para cada lado. O cronista de viés anticapitalista toma então a palavra: "Quem é santo nestes tempos prosaicos em que o dólar governa o mundo? As consciências tornaram-se mercadoria vulgar. As almas vendem-se e vendem-se caro." (p.92)

Nas frases sem concessões do cronista de opiniões claras e posição ideológica inequívoca, assim como na atualização de antigas tradições, vemos o narrador Graciliano das frases sintéticas, dos comentários sagazes e do estranhamento do mundo e do outro como princípio para a criação. A estes elementos compositivos que se enunciam nas crônicas e outros textos de intervenção, e que serão retrabalhados de *Caetés* a *Memórias do Cárcere*, agrega-se o descolamento irônico. A crônica "Judas" se finda com o seguinte comentário: "Nenhum Iscariotes se suicida. Se os contemporâneos seguissem o exemplo do antigo, não haveria no mundo figueiras que bastassem para pendurar tantos laços." (p.92)

O valor sintético das frases do velho Graça aparece mais explicitamente no conjunto de textos reunidos sob o título "Fatos e fitas", publicados no mesmo jornal de janeiro a março de 1921. Uma sentença marcante como: "o brasileiro é um cidadão pouco amável, que não sabe coisa nenhuma", é formulada e atualizada a partir da transposição de uma velha definição do francês: "O francês é um cavalheiro amável, que não sabe geografia" (p.83). Como máximas ou provérbios, as frases do cronista encerram nestes textos um pensamento de ordem geral e de valor moral.

Se pensarmos nos textos reunidos em *Garranchos* como exercícios de estilo do escritor, a junção entre experimentação com as palavras (nas frases sintéticas) e valoração particular do mundo (nas frases exemplares), oferece ao pesquisador elementos de ligação entre o modernista e o ideólogo. Já em 1921, o cronista Graciliano Ramos ensaiava aí sua mistura particular entre o trabalho com as palavras na síntese dos comentários e sua interpretação autoral e ideológica, de forma despretensiosa e sem nenhuma afetação. À linguagem modernista, Ramos agrega a preocupação política e social de gerações pregressas, atualizando ambas as filiações.

O sátiro

Outro procedimentos do romancista enunciado nas crônicas aparece em "Macobeba pré-histórico", publicado no *Jornal de Alagoas*, em abril de 1930. Trata-se de um texto de inspiração fabular, que começa com o pas-

238 Milene S. de Almeida

sado idílico de Alagoas, "Antigamente Alagoas era um paraíso", introdução logo sutilizada pelo cético cronista: "Não era um paraíso cômodo, mas afinal era um paraíso como qualquer outro." (p.99). Logo vemos, assim, que o paraíso idílico inicialmente contado pelo escritor nada mais é do que o passado de domínio inquestionável dos coronéis, pois naquela época:

"Os bípedes alagoanos matavam-se inocentemente, na boa lei natural, e, como todos os bens pertenciam aos coronéis, a noção de roubo ainda não tinha aparecido. Circulava regularmente dinheiro falso. E essa coisa de tomar à força as mulheres e as filhas dos outros estava nos hábitos de quase todos os antigos mandões." (p.99)

O paraíso era, assim, a dominação sem resistência; um paraíso para poucos. Em meio a essa "balbúrdia dos pecados", já se distanciando do falso mundo idílico, surgiu Macobeba³, o grande salvador do povo. O cronista não acredita na existência do salvador Macobeba – esta figura de "rosto carregado e barba esquálida" inspirado no gigante Adamastor de Camões –, e propõe uma dupla existência à figura, um nascido na idade heroica e um bacharel, o primeiro de existência subjetiva e o segundo de carne e osso. Ambos vão se confundindo diante de um desejo popular que parece não se modificar: a busca de um super-homem salvador.

Naqueles dias, como conta o cronista, teria surgido um oportunista que se autointitulou Macobeba e, simplesmente, passou a sê-lo. Segundo nota, o Macobeba da crônica era José Fernandes de Barros Lima, governador do Estado de Alagoas, de 1918 a 1924⁴. Mas, ainda que circunstancialmente ligada a Barros Lima, a figura de Macobeba transcende a conjuntura e acaba criando um personagem-tipo da idílica e infernal Alagoas, personagem que traz em si uma relação metonímica com o próprio país⁵. O tom fabular oferece essa transcendência ao "inocente" retrato de Macobeba.

Esta pequena fábula que visa explicar o Brasil profundo é um dos recursos do intelectual público Graciliano Ramos que recupera do otimista movimento moderno o viés crítico dos efeitos do progresso. No oitavo texto da série *Garranchos*, a inauguração da iluminação pública deixa o povo

³ A figura de Macobeba foi, segundo nota do organizador, imaginada por Júlio Belo no jornal pernambucano *A Província*.

⁴ Barros Lima saiu derrotado nas eleições de março de 1930 e denunciou o pleito alegando que a votação fora marcada por atos fraudulentos.

⁵ O tom fabular se repete em "As rãs estão pedindo um rei", título atribuído pelo organizador a um manuscrito do Arquivo Graciliano Ramos, pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros. (pp. 250-254).

satisfeito e o proprietário da empresa aproveita para triplicar os lucros e gradualmente diminuir os serviços. No décimo texto da mesma série, também são as empresas, os algozes do povo, desta vez, porém, trata-se da precariedade do abastecimento de água.

Mas, não é só de crítica que vive a pena do cronista. A partir da década de 1930, as transformações sociais também não passam despercebidas pelo olhar de Graciliano Ramos. A participação das mulheres na vida social e política do país é elogiada em maio de 1933 e em outubro de 1937, elas se tornam "concorrentes, inimigas" (p. 162). No caso desta última crônica, o escritor se opõe ao conservadorismo dos integralistas em relação à posição das mulheres na sociedade, daí a igualdade provocativa do cronista de costumes. Também em relação aos negros, o escritor se manifesta em um manuscrito do final da década de 1930⁶ com suas frases sintéticas e diretas como "a raça negra aparece-nos pela primeira vez como uma afirmação" (p. 167), ou "as pessoas de cor levantaram a cabeça" (p. 168).

Questões literárias

É também a partir da década de 1930 que a literatura se torna um tema recorrente para o cronista e crítico literário. O primeiro texto que aparece na coletânea é um elogio a José Lins do Rego, publicado em junho de 1934. Aspectos como a coesão e a simplicidade do romance *Doidinho* antecipam a defesa da geração de 1930 pela pena de Graciliano Ramos.

Num balanço da produção de Jorge Amado em 1937, tendo sido até então publicados os romances *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935) e *Mar Morto* (1936), Ramos distingue dois tipos de personagens: os irreais (ou românticos) e os personagens do povo, presentes na obra de Amado. De um lado, "Peri, Iracema, a escrava Isaura, o alemão Lez, o Timbira", todos estes heróis "falsos, contrafeitos, mal traduzidos do francês e pessimamente arrumados numa terra que ninguém estudava convenientemente" (p.155); de outro os mestiços de Jorge Amado que não sendo nem bons nem maus, "confundem-se com os brasileiros de carne e osso" (p. 156).

Na mesma linha dos personagens reais, também a reflexão sobre a arte deve passar, segundo o crítico, não mais pelas idealidades papagueadas do estrangeiro, na mesma linha de ruptura exaustivamente trabalhada pelos mo-

⁶ Em nota, Salla supõe que o manuscrito tenha sido escrito no final da década de 1930, depois da saída do cárcere.

240 Milene S. de Almeida

dernistas, mas deve, acima de tudo, tratar da experiência vivida, pois "é necessário conhecermos e sentirmos a matéria de que nos ocupamos" (p. 278). Não se trata, como ressalta Ramos, de apanhar a realidade pura, mas de tornar a narrativa verossímil, de uma verdade "contingente e humana" (p. 279)⁷.

Assim como se contrapôs aos românticos, o crítico literário Graciliano Ramos, seguindo a linha já apontada por Lima Barreto⁸, lançam sua
verve também contra a prosa de Coelho Neto, dos "volumes imprestáveis"
(147), dos livros escritos sem alma. Também do movimento modernista,
o autor de *Angústia* acaba se distanciando num discurso de maio de 1951,
ao ressaltar a inocuidade de uma revolução na qual os soldados acabaram
na Academia. A posição do velho Graça no mundo das letras vai se configurando nos textos reunidos em *Garranchos*, desde as crônicas repletas de
ironia, passando pelo observador dos costumes, até o crítico literário. São
as mais interessantes facetas do escritor na coletânea.

As crônicas de frases marcantes, as satíricas, as de costumes e os estudos literários são o que mais deve interessar ao estudioso da obra de Graciliano Ramos ao ler a presente coletânea. Eles auxiliam a traçar o perfil ideológico-literário do criador de *Angústia*. Um perfil de intelectual público das nossas letras que se aproxima do passado para reinventá-lo com a liberdade conquistada pelos modernistas, acrescida da crítica social na linha limabarretiana. As cartas reunidas na mesma coletânea não despertam o mesmo elo com os procedimentos do romancista. Para o estudioso da obra de Ramos, são os traços do autor crítico, cético, irônico e engajado na vida política, social e literária de seu tempo que mais atrai o interesse. Sem o otimismo por vezes ingênuo dos modernos, é possível vislumbrar nas crônicas reunidas em *Garranchos* um ensaio de síntese da pena de Graciliano Ramos, no encontro entre o homem, o intelectual, o crítico e a arte.

Recebido em: 31/10/2013. Aceito em: 31/10/2013.

⁷ Trata-se aqui de um discurso do autor, proferido, segundo Salla, no segundo semestre de 1946.

⁸ Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, afirma que a coerente crítica social de Lima Barreto seria retomada pelo melhor romance dos anos de 30.